



Paula Byrne

A verdadeira

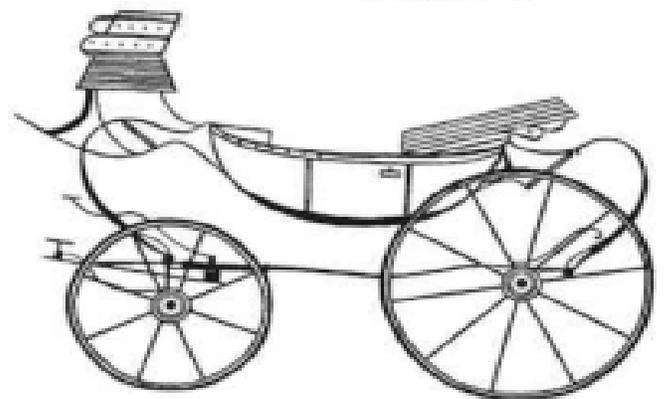
Jane Austen



Uma biografia
intima



L&PM
Livraria





Paula Byrne

A verdadeira

Jane Austen



Uma biografia
intima



LPA



Paula Byrne

A verdadeira
Jane
Austen

Uma biografia íntima

Tradução de RODRIGO BREUNIG

L&PM
EDITORES

Paula Byrne

Tradução de Rodrigo Breunig

a

A verdadeira

Jane

Austen

Uma biografia íntima

O aposento era muitíssimo caro a Fanny, e ela não teria trocado sua mobília nem mesmo por tudo que havia de mais bonito na casa, muito embora os detalhes que já de origem eram feios tivessem sofrido todos os abusos das crianças; e os seus maiores requintes e ornamentos eram um desvanecido escabelo fabricado por Julia, malfeito demais para pertencer à sala de visitas, três transparências, criadas num furor por transparências, para as três vidraças inferiores de uma janela, nas quais Tintern Abbey postava-se entre uma caverna na Itália e um lago enluarado em Cumberland, uma coleção de perfis da família, considerados indignos de figurar em qualquer outro lugar, sobre a cornija da lareira, e ao lado destes, e afixado na parede, o pequeno esboço de um navio enviado do Mediterrâneo por William quatro anos antes, com *H.M.S. Antwerp* na margem inferior, em letras tão compridas quanto o mastro principal.

Mansfield Park, vol. 1, cap. 16

[Ela tomou] aquele pedaço de papel... [e o trancafiou,] com a corrente, como a mais estimada parte do presente. Essa era a única coisa semelhante a uma carta que jamais recebera dele; ela poderia nunca receber outra; era impossível que jamais fosse receber outra tão perfeitamente gratificante na ocasião e no estilo. Nunca duas linhas tão adoradas haviam caído da pena do mais ilustre autor – nunca tão completamente abençoadas as pesquisas do mais afetuoso biógrafo. O entusiasmo do amor de uma mulher fica inclusive fora de alcance para o biógrafo.

Mansfield Park, vol. 2, cap. 9

Nota da autora

Cada capítulo começa com uma descrição da imagem que define seu tema. Os romances de Jane Austen são citados das edições da Oxford World's Classics, mas as referências nas notas finais seguem a forma de volume e número do capítulo, de modo a tornar possível a localização da passagem relevante em outras edições. Assim, por exemplo, 1.8 significa capítulo 8 do volume 1 (*Persuasão* e *A abadia de Northanger* foram publicados originalmente, cada um, em dois volumes, e os outros quatro romances concluídos, cada um, em três volumes). As grafias irregulares nas cartas e nos escritos juvenis de Austen são mantidas (celebremenente, “Love and Freindship”¹, mas também “beleive”², “neice”³, “Lime” para Lyme, Keen para o ator Kean, e assim por diante). As notas também reconhecem, em pontos relevantes, o trabalho dos muitos maravilhosos especialistas em Jane Austen dos quais me vali.

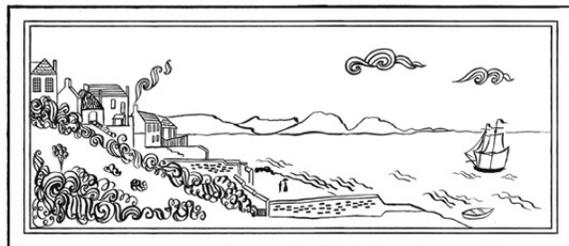
A fim de dar aos leitores uma ideia dos valores monetários – seja para o custo de um cartão de renda ou para o valor do cheque de direitos autorais de Jane Austen –, usei somas equivalentes de 2011 derivadas do calculador online de inflação histórica do Banco da Inglaterra (e com somas equivalentes em dólares numa base aproximada de 1 libra para 1 dólar e 50 centavos). É preciso ter em mente, no entanto, que são valores meramente indicativos: ao longo dos séculos, a inflação foi bem maior para certas coisas do que para outras.

¹ Em vez de *Love and Friendship*, “Amor e amizade”. (N.T.)

² Para *believe*, “acreditar”. (N.T.)

³ Para *niece*, “sobrinha”. (N.T.)

Prólogo



A carpintaria do Capitão Harville

Esta é uma aquarela de Lyme Regis, no litoral sul da Inglaterra. Chalés aninham-se na encosta. Um velho quebra-mar de pedra conduz até a linha da água. Um homem e uma mulher estão caminhando na praia e uma figura solitária contempla o mar. Um barco a remo segue seu caminho rumo a um navio fundeado na baía. O olhar é atraído para um panorama amplo de falésias inclinadas e céu aberto.¹

Jane Austen amava o mar. Segundo se conta, quando seu pai anunciou, em dezembro de 1800, que estava deixando o cargo de reitor da paróquia de Steventon e se retirando para Bath, ela ficou tão chocada que desmaiou. Jane só se reconciliou com a mudança quando a família prometeu tirar férias à beira-mar todos os verões. Em 1801 e 1802, eles foram para Sidmouth e Teignmouth, em Devon. Em 1803 e 1804, foi a vez de Lyme Regis.

“Os jovens estavam enlouquecidos para ver Lyme.”⁴ Quando eles chegam, no capítulo onze de *Persuasão*, Jane Austen descreve a pequena estância balneária à beira-mar no estilo de um guia turístico: a baía aprazível, as novíssimas máquinas de banho, o famoso Cobb, a bela linha de falésias que se estende ao leste da cidade, os encantos dos “arredores imediatos” – a alta extensão de campo em torno de Charmouth, “a diversidade de madeiras da alegre aldeia de Up Lyme, e, sobretudo, Pinny, com seus abismos verdejantes entre românticas rochas [...] tão maravilhoso e encantador cenário é exibido que supera qualquer das paisagens

semelhantes da mais que famosa Ilha de Wight”.²

“Esses lugares precisam ser visitados e revisitados para que se compreenda o valor de Lyme”, Jane Austen diz a seus leitores. Ela havia visitado Lyme pelo menos duas vezes, testemunhando, numa ocasião, um incêndio que destruiu uma série de casas. Quando descreve o lugar em seu romance, ela está visitando-o de novo, dessa vez em sua imaginação. Sua descrição é o equivalente literário das gravuras de atrações turísticas populares que podiam ser obtidas com grande facilidade no florescente mercado gráfico da época – a versão da Regência para o cartão-postal.

Jane Austen se importava muitíssimo com a precisão. Queria que seus romances correspondessem à vida real. Ao ler o esboço de um romance de sua sobrinha Anna, assinalou que era um erro retratar pessoas em Dawlish fofocando sobre notícias de Lyme: “Lyme não serve – fica a uma distância de mais ou menos 65 quilômetros de Dawlish, ninguém falaria de Lyme por lá”.³ Seus romances eram fincados no mundo real. A fim de criá-los, ela fazia uso da realidade que conhecia: as pessoas, os lugares, os acontecimentos. A célebre cena ficcional na qual Louisa Musgrove quase morre ao ser “saltada” dos degraus estreitos do Cobb não é baseada num incidente real, mas não poderia ter sido escrita se Jane Austen não tivesse visitado a Lyme real e memorizado sua topografia.

A descrição pitoresca das rochas românticas de Lyme não é, no entanto, seu estilo mais comum. E, neste caso, sua paixão pelo mar talvez a tenha levado a idealizar a realidade do lugar. “Fiquei decepcionada com Lime”, escreveu sua cunhada Mary para essa mesma sobrinha Anna, “pois, em função do Romance da sua Tia Jane, eu havia esperado um lugar bonito e limpo, ao passo que ele se mostrou sujo e feio.”⁴

A queda no Cobb, o diálogo de mau gênio em Box Hill, a escapada pelo

valado além dos terrenos de Sotherton, o acidente na estrada com o qual começa seu último romance inacabado: as cenas ao ar livre, nos romances de Austen, são muitas vezes excursões dramáticas – envolvendo desventuras, transgressões, discussões, mal-entendidos, propostas –, ao passo que sua locação habitual é entre quatro paredes, dentro do mundo da conversação cortês, ainda que cheia de farpas, nas salas de visita e sobre as mesas de jantar. O capítulo onze de *Persuasão* não se detém por muito tempo no panorama à beira-mar. A narrativa segue os visitantes prontamente para dentro.

Não, contudo, para o interior de um casarão, do tipo que se tornou familiar nas adaptações para televisão e cinema dos romances de Austen (nas quais as casas são quase sempre maiores do que deveriam ser). “Junto ao pé de um velho quebra-mar de data desconhecida”⁵, diante do mar, em Lyme, há uma fileira de chalés. Entramos numa sala apertada, mas acolhedora. É a casa do capitão Harville, que se aposentou com saúde debilitada – resultado de um ferimento grave, sofrido em serviço naval durante a guerra que perdurou por quase toda a vida adulta de Jane Austen. Esta pequena e aconchegante moradia será revisitada mais tarde, mas, para um primeiro vislumbre da arte da observação minuciosa de Austen, considere-se um único detalhe:

O capitão Harville não lia muito. Mas idealizara excelentes acomodações e instalara belas prateleiras para uma razoável coleção de volumes bem-encadernados, de propriedade do capitão Benwick. Sua claudicância o impedia de fazer muitos exercícios, mas um espírito prestativo e ingênuo parecia torná-lo permanentemente útil em casa. Desenhava, envernizava, construía, colava; fazia brinquedos para as crianças; criava agulhas e alfinetes aperfeiçoados e, se não havia mais o que fazer, dedicava-se à sua grande rede de pesca num dos cantos da sala.

Anne Elliot logo engatará o capitão Benwick numa conversa sobre

livros, debatendo os relativos méritos dos dois poetas mais famosos do momento, Sir Walter Scott e Lord Byron. Ela sugere delicadamente que a poesia romântica pode não ser a leitura mais saudável para um homem de coração partido como Benwick – embora perceba a ironia de suas exortações por “paciência e resignação” à luz do seu próprio coração partido.

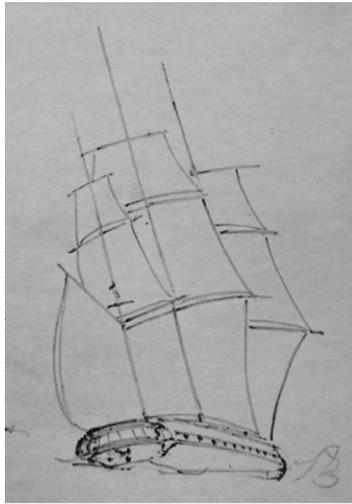
Mas é a carpintaria do capitão Harville que se fixa na mente: as prateleiras graciosamente modeladas, o verniz, a cola, os brinquedos para as crianças. Jane Austen cresceu em uma casa de livros e leitura, mas também vinha de uma família que valorizava trabalhos manuais, o ofício de fazer as coisas, fosse com agulha ou madeira.

O capitão Benwick lendo poesia em voz alta enquanto o capitão Harville conserta sua rede é uma pequena imagem de como ela imaginava um lar seguro e um senso de pertencimento. Seu círculo familiar era um lugar de línguas afiadas, riso e dedos em movimento, com um romance sendo lido em voz alta e todas as damas ocupadas com seus bordados. Tanto seu mundo como seus romances podem ser trazidos à vida pela textura das coisas, pela vida dos objetos.

* * *

Em janeiro de 1852, o almirante Francis Austen recebeu uma carta da filha do reitor da Universidade Harvard. “Uma vez que alta autoridade crítica já pronunciou as composições de personagem na obra de Jane Austen como perdendo apenas para as de Shakespeare”, a srta. Quincy começava, “a admiração transatlântica parece supérflua; entretanto, pode não ser desinteressante para sua família receber uma garantia de que a influência de sua genialidade é amplamente reconhecida na República americana.”⁶ Ela

estava escrevendo porque queria um autógrafo da grande romancista.



Esboço de um navio da Marinha Real desenhado pelo sobrinho de Jane Austen, o capitão Herbert Austen

O almirante foi mais do que prestativo. Ficou encantado por saber que a “celebridade” das obras de sua falecida irmã havia alcançado o outro lado do Atlântico. Enviou não apenas uma assinatura, mas toda uma carta de Jane Austen. E alegremente forneceu um esboço de sua personalidade. Ela era jovial, não se irritava com facilidade, era um pouco tímida com estranhos. Sua reserva natural era mal interpretada, por vezes, como arrogância. Era gentil e engraçada, sem nunca deixar de estimular “o júbilo e a hilaridade dos convivas”. Adorava crianças e as crianças adoravam-na: “Seus sobrinhos e sobrinhas, dos quais havia muitos, não podiam ganhar maior mimo do que se aglomerar ao redor e ouvir as histórias da Tia Jane”.

A srta. Susan Quincy compartilhou o conteúdo da carta de Jane Austen com sua irmã, que ficou “praticamente sem chão” de tanto entusiasmo. A conclusão, elas concordaram, só podia ser a de que o almirante Austen era tão fascinante que “deve ter sido igual ao capitão Wentworth na juventude”.

Seria o irmão de Jane Austen, realmente, a inspiração para o herói de *Persuasão*? A srta. Quincy comunicou a resposta de sua irmã para o almirante idoso. Este respondeu que ficava muito lisonjeado, mas:

Não sei se no caráter do capitão Wentworth a autora pretendeu, em qualquer grau, delinear o de seu irmão. Talvez possa ter feito isso, mas de fato considero que partes do capitão Harville foram extraídas de mim; pelo menos a descrição de seus hábitos domésticos, gostos e ocupações apresenta considerável semelhança com os meus.

O almirante Austen não nega a possibilidade de que pudesse existir algum elemento de si mesmo – ou do outro irmão naval de Jane, Charles – no caráter do capitão Wentworth. Mas ele positivamente celebra o fato de que o trabalho manual do capitão Harville é o seu próprio.

Quando o bebê de Francis Austen nasceu, em 1807, ele mesmo cortou os tecidos para as roupas de dormir da criança. Em outra ocasião, de acordo com sua irmã Jane, “fez uma ótima franja para as cortinas da sala de visitas”. Como Harville, “torneava prata” de modo a fazer agulhas para redes de pesca. Quando Jane Austen observou seus jovens sobrinhos passando as noites fazendo redes para pegar coelhos, descreveu-os como sentados “lado a lado, como dois Tios Franks quaisquer poderiam fazer”.⁷ Jane também se lembrava de seu irmão Frank, como sempre o chamava, fazendo “uma ótima pequena bateadeira de manteiga”.⁸ Ele era perito em tornear madeira.

Não pode haver dúvida de que a carpintaria do capitão Harville é, ao mesmo tempo, um elogio a Frank e uma piada da família. Ao reconhecer a alusão depois da morte de Jane, o almirante Austen está dando aos leitores dela o direito de estabelecer associações entre as pessoas que sua irmã conhecia e os personagens que ela criou. Consequentemente, também nos dá licença para estabelecer ligações entre seus romances e os lugares que

ela frequentou (e aqueles dos quais ouviu falar), isso para não mencionar os acontecimentos históricos durante os quais viveu.

Contudo, na biografia familiar “oficial” de Jane Austen, salienta-se que seu mundo era um mundo fechado em si, isolado, e que os personagens de seus romances eram sempre tipos genéricos, jamais baseados em indivíduos reais. O fundamento para essa leitura de sua obra foi lançado pelo irmão Henry na breve “Notícia biográfica da autora” que prefacia seus romances publicados postumamente, *A abadia de Northanger* e *Persuasão*: “Curta e fácil será a tarefa do mero biógrafo. Uma vida de utilidade, literatura e religião não foi de modo algum uma vida de acontecimentos”. Além disso, “seu poder de inventar personagens parece ter sido intuitivo, e quase ilimitado. Ela se valia da natureza; entretanto, por mais que se tenha deduzido o contrário, jamais de indivíduos”.⁹

A negação por parte de Henry dos grandes acontecimentos e da inspiração em “indivíduos” dizia respeito ao desejo dos clericais Austen de agir com discrição, decoro e reticência. Essa era a imagem da própria Jane Austen que a família pretendia estabelecer no domínio público. Reforçaram-na durante a era vitoriana por meio de um livro de memórias, publicado em dezembro de 1869 por James Edward Austen-Leigh, filho de outro de seus irmãos do clero, James. Jane Austen foi uma escritora das mais espirituosas, mas não há muitas piadas no registro oficial da família. O almirante Francis Austen era conhecido por sua falta de senso de humor, mas pelo menos ele consegue soltar uma piada no final de sua segunda carta para a srta. Quincy: “Não sou *vice*-almirante [*vice admiral*], tendo alcançado, nos últimos 3 anos, o posto mais alto de almirante. Eu gostaria de poder acreditar que, na mudança de posto, deixei todos os *vícios* [*vices*] para trás”. Espantosamente, aqui ele parece estar recordando a piada mais

questionável de sua irmã, acerca de “*Rears e Vices*” na marinha britânica.⁵ Não era o tipo de assunto que poderia ter detido James Edward Austen-Leigh em seu registro devoto da vida supostamente tranquila de sua tia.

Esse livro de memórias da família inaugurou a tradição da biografia de vida inteira de Jane Austen. O texto avançava do berço à sepultura num ritmo monótono e com uma calma provincial. No século e meio desde sua compilação, estudiosos dedicados reuniram vários outros detalhes sobre a vida de Austen. Cento e sessenta de suas cartas sobrevivem, assim como cadernetas de bolso de membros da família, diários de conhecidos, as transações bancárias de seu pai.¹⁰ Com o benefício de tal material mundano, biografias e mais biografias seguiram o padrão de James Edward e rastrearam a vida cotidiana de Jane Austen de Steventon para Bath, para Chawton, para Winchester.¹¹

Este livro é algo diferente, mais experimental. Em vez de pormenorizar todos os fatos conhecidos, esta biografia se concentra numa variedade de momentos-chave, cenas e objetos tanto na vida como na obra de Jane Austen. Não começa onde o registro oficial da família começou, com o traçado da ascendência. Não procura sustentar a ilusão de que Austen conhecia pouco do mundo. Reconhece as lacunas em nosso conhecimento, bem como nas provas documentais. Vários milhares de suas cartas estão perdidos ou destruídos, e, por anos muito importantes de sua vida, não sabemos praticamente nada de seu paradeiro.

Além disso, esta biografia segue mais o exemplo de Frank Austen do que o de Henry. Sugere que, como quase todos os romancistas, Jane Austen criou seus personagens misturando observação e imaginação. Ela se baseou em pessoas que conhecia e experiências pelas quais passou. O capitão Harville não é um *retrato* de Frank, mas o personagem fictício é trazido à

vida e tornado memorável pela adoção de uma característica particularmente encantadora de um indivíduo real: sua paixão pela carpintaria. Quando Austen escreve sobre ideias – as virtudes e os vícios da marinha britânica, a denúncia do tráfico de escravos, o movimento evangélico –, ela o faz por meio da criação de personagens memoráveis, não escrevendo sermões. Sua simpatia pela abolição pode ser inferida não só daquilo que ela escreve em suas cartas sobre o ativista Thomas Clarkson, mas também das associações pró-escravidão de dois de seus personagens mais monstruosos, a sra. Norris e sra. Elton.

Jane Austen adorava, mais do que tudo, falar sobre as pessoas. Sabia um bocado sobre as vidas de sua família extensa, seus amigos e seus conhecidos mais superficiais. Quando contamos as histórias das vidas dessas pessoas, vemos Austen, de súbito, num cenário muito mais amplo do que aquele no qual é confinada pela versão de sua vida difundida pelos irmãos do clero. Somos transportados para as Índias Orientais e para o Ocidente, para a guilhotina na Paris revolucionária, para um mundo onde há escândalo de alta sociedade num momento e um caso insignificante de furto em loja no momento seguinte. Esta biografia segue Austen em suas viagens, que foram menos limitadas do que se costuma admitir, e a insere no contexto global bem como no inglês, no urbano bem como no rural, no político e histórico bem como no social e doméstico. Essas perspectivas mais amplas foram de uma importância vital e ainda subestimada para sua vida criativa.

Kingsley Amis, um romancista cômico cuja admiração por Austen era enorme, escreveu certa vez que “aqueles que conhecem meus romances e a mim sabem que eles são firmemente não autobiográficos, mas, ao mesmo tempo, cada palavra deles inevitavelmente diz algo sobre o tipo de pessoa

que sou”.¹² É com esse espírito que deveríamos interpretar a relação entre os romances de Jane Austen e seu mundo.

As opiniões de seus personagens não são as dela. Os escritos em que Jane expõe seu eu verdadeiro mais diretamente são suas cartas. Quando sua devotada sobrinha Fanny Knight morreu, em 1882 (por essa altura, chamava-se Lady Knatchbull), Lord Brabourne, filho de Fanny, topou com um tesouro: o manuscrito original de *Lady Susan* “na própria caligrafia de Jane Austen” e:

uma caixa quadrada cheia de cartas, amarradas com cuidado em pacotes separados, cada um dos quais era endossado “Para Lady Knatchbull”, na caligrafia de minha tia-avó, Cassandra Austen, e junto havia um embrulho endossado, na caligrafia de minha mãe, “Cartas de minha querida Tia Jane Austen, e duas de Tia Cassandra após sua morte”, embrulho esse que continha as cartas escritas à minha própria mãe.¹³

Essas cartas, Brabourne sugeria, “contêm os derramamentos confidenciais da alma de Jane Austen e de sua irmã amada, intercaladas com muitos detalhes familiares e pessoais que, sem dúvida, ela não teria contado a nenhum outro ser humano”. Com a morte de sua mãe, chegara o momento propício para sua publicação. O talento único da “‘inimitável Jane’ (como um velho amigo meu costumava sempre chamá-la)”, Brabourne argumentou, era o fato de que ela “descreve homens e mulheres exatamente como homens e mulheres realmente são, e conta sua história de vida comum e cotidiana com composição tão verdadeira, tamanha simplicidade sedutora e, além disso, com tamanha pureza em estilo e linguagem, tudo num grau que raras vezes foi igualado, e talvez nunca superado”.

Por esse motivo, o que poderia ser mais adequado do que a publicação “das cartas que mostram o que era sua própria ‘vida comum cotidiana’, e

que proporcionam uma imagem dela tal como nenhuma história escrita por outra pessoa poderia transmitir tão bem?”. “É certo”, Brabourne concluiu, triunfante, “que agora sou capaz de apresentar ao público um material inteiramente novo, do qual poderá ser recolhido um conhecimento mais pleno e mais completo de Jane Austen e de seus ‘pertences’ do que poderia ter sido obtido de outro modo”.¹⁴

Todos os biógrafos posteriores fizeram amplo uso das cartas. No entanto, uma nova leitura delas revela uma série de detalhes e conexões até agora negligenciados, mas significativos, entre eles um ato crucial de apadrinhamento literário, as consequências momentosas de um testamento e a evidência do conhecimento de Austen da história extraordinária da adoção de uma garota negra pelo juiz abolicionista Lord Mansfield.

A visão de Lord Brabourne sobre sua tia-avó como a romancista inimitável da “vida comum cotidiana” se tornara uma opinião corriqueira ao final da era vitoriana. É derivada, em última instância, da avaliação mais importante da obra de Austen escrita em sua própria vida: um longo ensaio-resenha sobre a publicação de *Emma*, discutindo também *Razão e sentimento* e *Orgulho e preconceito*, de autoria de Sir Walter Scott, o romancista mais celebrado em toda a Europa (embora, àquela altura, ele ainda estivesse publicando sua ficção, como a própria Austen, sob o véu do anonimato). O ensaio de Scott voltará a ser discutido mais para o final deste livro, mas sua ideia principal é, de fato, a forte alegação de que Jane Austen foi a primeira romancista da história a oferecer uma representação precisa do “andamento da vida comum”. Ela apresenta ao leitor, “em vez das cenas esplêndidas de um mundo imaginário, uma representação correta e impressionante do que ocorre diariamente em torno dele”. Scott conclui que “o conhecimento do mundo por parte da autora, e o tato peculiar com o qual

apresenta personagens que o leitor não poderá deixar de reconhecer, nos traz à mente algo dos méritos da escola flamenga da pintura. Os temas não costumam ser elegantes, e certamente nunca são grandiosos; mas revelam um acabamento natural, com uma precisão que deleita o leitor”.¹⁵

A “representação correta e impressionante” das cenas da “vida comum”, elaborada com precisão, tato e minúcia: essa é, de fato, a essência da arte de Austen, assim como no realismo da pintura holandesa. Vermeer cria a sensação de um mundo real por meio de uma carta aberta, um brinco de pérola, uma janela de treliça, um jarro e uma toalha de mesa, um instrumento musical. Nesse mesmo sentido, os objetos desempenham um papel fundamental no ato de trazer à vida os mundos ficcionais de Austen.

Minha inspiração para escrever este livro veio de dois momentos primorosos de *Mansfield Park*, citados anteriormente como epígrafes. Primeiro vem a pequena sala de estar de Fanny Price, concretizada por certos objetos cuidadosamente escolhidos.

Postadas sobre as vidraças, há três imagens de cenas românticas – a ruína de Tintern Abbey, uma caverna erma na Itália e um lago enluzado na região campestre de Wordsworth – sob a forma nova e em voga das “transparências”. Em *Um ensaio sobre impressões transparentes e transparências em geral*, publicado em 1807, certo Edward Orme alegava ter inventado a técnica por acidente, quando deixou cair um pouco de verniz sobre a parte escura de uma gravura, e, “depois de ser exposto novamente à luz, o ponto onde o verniz havia sido derramado formou uma luz no meio da sombra”.¹⁶ A presença das imagens sugere a sensibilidade romântica de Fanny.

Em cima da lareira paira uma coleção de “perfis” da família: esse era outro meio artístico em voga e não elitista, a silhueta, uma forma de

retratismo que será discutida no capítulo um. A família Austen, muito unida, estimava seus perfis e miniaturas, que eram os equivalentes das fotografias emolduradas de entes queridos em uma casa moderna.

Além dos perfis, afixado na parede pela própria Fanny, encontra-se o objeto que faz do quarto uma legítima propriedade dela: o “pequeno esboço de um navio enviado do Mediterrâneo por William quatro anos antes, com *H.M.S. Antwerp* na margem inferior, em letras tão compridas quanto o mastro principal”. Assim como Jane Austen se correspondia constantemente com seus irmãos quando eles estavam longe, no mar, preocupando-se com sua sobrevivência em face da guerra e das condições climáticas, Fanny também permanece perto de seu irmão aspirante por meio do esboço na parede. Embora a ação do romance só saia raras vezes dos limites de Mansfield Park, os objetos transportam o leitor para um cenário mais amplo.

Na segunda passagem, Fanny investe todo seu amor aparentemente não correspondido por Edmund em dois outros pequenos objetos: um pedaço de papel e uma simples corrente de ouro. As pequenas coisas, no mundo de Jane Austen, não se limitam a evocar lugares distantes. Elas também podem ser portadoras de grandes emoções. As emoções intensas associadas com amor e morte costumam ser refletidas em objetos. Cartas e lembrancinhas são de grande importância nos romances: o foco sobre um objeto é, muitas vezes, um sinal para o leitor de que aquela é uma sequência-chave no desenrolar emocional da narrativa. Esta biografia é uma tentativa de escrever a vida de Austen de acordo com o mesmo princípio. Seguindo o exemplo da carpintaria do capitão Harville, cada capítulo começa com uma coisa real, algumas dessas coisas saídas direto de sua vida, outras evocadas por seus romances. Esses objetos e essas imagens lançam nova luz sobre a

vida de Austen e seus personagens ficcionais, sobre o funcionamento de sua imaginação e sobre a configuração de seus incomparáveis mundos ficcionais.

4 Os trechos citados de *Persuasão* são transcritos, aqui, da tradução de Celina Portocarrero. Porto Alegre: L&PM, 2011. (N.T.)

5 O trocadilho se refere, por um lado, a contra-almirantes e vice-almirantes; por outro, a “traseiros” e “vícios”. (N.T.)

1



O perfil da família

Todos os rostos estão voltados para o menino. Ele está sendo passado para uma das duas mulheres elegantemente vestidas, com cabelo empoadado, que estão sentadas à mesa jogando xadrez. A tapeçaria circundante faz com que o retrato se assemelhe a uma cena teatral. À maneira de atores bem versados na arte da gesticulação, os vultos estão falando com as mãos: os dedos do pai repousam sobre os ombros de seu filho, e o menino, por sua vez, tem os braços estendidos em súplica na direção de sua nova mãe. A mão desta permanece sobre uma peça de xadrez, como se tivesse conquistado um peão. O dono da casa se inclina por trás da cadeira da outra mulher, que é irmã dele. Sua pose relaxada evidencia uma descontraída autoconfiança de proprietário. A irmã aponta o dedo para o menino, como se dissesse: “Então essa é a criança que está vindo para nossa grande casa”. A mãe biológica do menino está ausente.

A silhueta, datada de 1783, é de William Wellings, um dos principais praticantes dessa forma em grande voga de retrato miniaturizado. Um perfil preto simples, recortado em cartão, podia ser tirado em poucos minutos e custar tão pouco quanto um xelim. Embora fossem às vezes conhecidos como “miniaturas de pobre”, os perfis eram famosos pela precisão de representação que podiam alcançar. “Nenhuma arte se aproxima de uma silhueta bem-feita, na verdade”, escreveu o influente fisionomista Johann Caspar Lavater. James Edward, sobrinho de Jane Austen, ficaria renomado no seio da família por sua habilidade na arte. Ele conseguia executar silhuetas sem desenho preliminar, cortando-as diretamente com uma tesoura especial, “as pontas [...] com uma polegada de comprimento, e as alças

curvas com cerca de três polegadas”.¹⁷

As silhuetas eram conhecidas como “sombrias”, ou “tons”, ou “perfis”. Daí Austen imaginar a “coleção de perfis da família” na sala de estar de Fanny Price em *Mansfield Park*. Esta aqui conta uma história. Aos olhos modernos, o meio acentuadamente sombreado parece bastante oportuno devido à natureza solene do tema: a entrega de uma criança de uma família para outra. Foi encomendada por Thomas Knight, um cavalheiro rico, mas sem filhos, do condado de Kent, para comemorar a adoção formal de seu sobrinho, Edward Austen, um dos irmãos mais velhos da futura romancista. Não foi só a silhueta de Wellings que comemorou a adoção. Os Knight também encomendaram uma pintura a óleo. Essa pintura está pendurada hoje em Chawton Cottage e mostra uma criança muito bonita, com cabelos dourados e brilhantes olhos castanhos. O menino aparece vestindo um terno de veludo azul.

No perfil de família, o pai, na esquerda da cena, é George Austen. A mãe adotiva, recebendo Edward, é Catherine Knight, que muitos anos depois veio a ser a única patrocinadora literária de Jane Austen. O próprio Thomas Knight encontra-se à direita, parado acima da irmã Jane. Em 1783, o menino Edward chegou a seu décimo sexto aniversário, ao passo que a criança na silhueta parece ser bem mais jovem. Isso sugere que os Knight podem ter solicitado ao artista que evocasse a cena de dois ou três anos antes, quando o menino foi ficar pela primeira vez com o casal sem filhos no casarão.

O pequeno Neddy conheceu seus abastados tio e tia quando tinha doze anos. Em 1779, os recém-casados Knight visitaram seus parentes em Steventon e se afeiçoaram de tal maneira ao menino de cabelos dourados que decidiram levá-lo junto com eles em sua lua de mel. Era bastante

comum fazer esse tipo de coisa: George e Cassandra Austen levaram um menino chamado George Hastings com eles em sua própria excursão de lua de mel. As crianças de classe distintas tinham, em geral, mais liberdade e independência do que poderíamos esperar pelos padrões atuais: quando menina, a irmã de Jane Austen, Cassandra, visitava com frequência a tia e o tio Cooper em Bath.

Em 1781, Thomas Knight herdou duas grandes propriedades em Hampshire e Kent. Por aquela altura, já era uma questão preocupante que ele e sua esposa Catherine não dessem nenhum sinal de que pudessem vir a ter seus próprios filhos. Eles precisavam de um menino adequado para adotar e tornar seu herdeiro. Mais uma vez, a prática não era incomum na era georgiana, quando a preservação de grandes patrimônios era a chave para a riqueza e o status. Foi assim que o jovem Edward Austen foi levado a Kent, primeiro para visitas prolongadas durante os meses do verão e, por fim, num arranjo permanente. De acordo com a tradição familiar talvez dramática demais, George Austen hesitou, apenas para que sua esposa dissesse: “Creio, meu Querido, que é melhor satisfazer seus primos e deixar a Criança partir”. O cocheiro do sr. Knight, que tinha vindo a cavalo, conduziu um pônei pelo caminho todo desde Godmersham, em Kent. O menino montou-o pelo caminho todo na volta, cerca de 160 quilômetros. Entre os irmãos e irmãs dos quais se despediu quando saiu de casa estava Jane Austen, com cerca de cinco anos e meio.

Não apenas os meninos eram transferidos para famílias ricas. Jane Austen conhecia pelo menos dois casais sem filhos que adotaram meninas e as fizeram suas herdeiras. Havia Lord Mansfield, o grande juiz abolicionista, que adotara sua sobrinha Lady Elizabeth Murray. Ela se tornou vizinha de Edward Austen e encontrou Jane Austen em diversas

ocasiões. E também havia uma família chamada Chute, num casarão das proximidades, que adotou uma menina chamada Caroline Wigget quando esta tinha três anos de idade. Portanto, não causa surpresa que os romances de Jane Austen revelem mais do que um interesse passageiro pela adoção. Em *Mansfield Park*, Fanny Price, considerada um fardo para sua família, é enviada para viver com seus primos ricos, os Bertram. Em *Emma*, Frank Churchill é adotado pela família de um casal rico, mas sem filhos, e Jane Fairfax, uma órfã, é criada com os Dixon.

O caso de Emma Watson, no romance incompleto de Jane Austen *Os Watson*, oferece uma reversão marcante da convenção: ela viveu longe de sua família de nascimento, mas é enviada de volta para viver com eles. Em *Emma*, Isabella Knightley clama contra a adoção, sugerindo não ser algo natural: “Existe algo de tão chocante na circunstância de uma criança ser tirada dos pais e do lar onde nasceu [...] Abrir mão de um filho! Eu realmente nunca consegui ver com bons olhos qualquer pessoa que propusesse uma coisa dessas a qualquer outra pessoa”.¹⁸ Mas Jane Austen acreditava que a boa sorte de um membro da família era boa sorte para todos.

* * *

Em um belo dia de verão em 1782, uma menina de seis anos de idade aguardava, com empolgação, o retorno de seu pai num cabriolé alugado, o equivalente de um táxi, da principal estação de diligências em Andover, Hampshire. O pai estava voltando para casa com sua filha mais velha, que tinha ido visitar parentes em Bath. Incapaz de conter a excitação por ver a querida irmã, e com a promessa de uma carona para casa no cabriolé, a menina de seis anos arrastou pela mão seu irmão Charles, de três anos, e os

dois caminharam sozinhos até New Down, uma aldeia perto de Micheldever – a cerca de dez quilômetros de distância – para encontrar o cabriolé.¹⁹

Jane Austen, sétimo bebê do reverendo George Austen e sua esposa Cassandra, nome de solteira Leigh, nasceu no presbitério do vilarejo de Steventon no dia 16 de dezembro de 1775, um sábado, e foi batizada de forma privada por seu pai, no dia seguinte, para garantir que sua alma fosse salva caso morresse em seus primeiros dias. O reverendo afirmou que ela se parecia muito com seu irmão Henry, de quatro anos, e seria “um brinquedinho” para sua irmã Cassandra, que tinha quase três.²⁰ Jane foi batizada publicamente em abril do ano seguinte, na Sexta-Feira Santa. Teve três padrinhos: sua tia-avó, também chamada Jane Austen, esposa de Francis Austen de Sevenoaks, Kent, um parente bem de vida; Samuel Cooke, um vigário de Surrey que se formara em Oxford e tinha parentesco com um primo materno; e certa sra. Musgrave de Oxfordshire, esposa de outro primo materno.

Esses são os fatos concretos de seu nascimento, mas a caminhada para encontrar o cabriolé alugado é o primeiro vislumbre que temos dela na infância. A vinheta pode sugerir que Jane era ousada, sem medo de assumir a liderança. O que certamente indica é o quanto ela amava e sentia falta da irmã mais velha. Estabelece um padrão para o resto de seus dias. Durante a maior parte de sua vida, Jane Austen viveu sob o mesmo teto que Cassandra. Quando as duas se separavam, com uma delas visitando amigos ou parentes, elas escreviam uma à outra quase diariamente. Para nossa exasperação, as cartas de Cassandra a Jane foram perdidas, e, num ato imperdoável aos nossos olhos, Cassandra destruiu muito mais cartas de Jane do que as guardou. Mas aquelas que sobrevivem fornecem o melhor registro que temos de sua vida íntima.

Jane Austen foi criada numa família grande e amorosa, formada principalmente por meninos. Era uma das duas meninas numa família de oito, espremida entre Frank, que nasceu em 1774, e o mais novo, Charles, nascido em 1779. Estes dois cresceriam para ser seus “irmãos marinheiros”. Frank só era vinte meses mais velho do que Jane. Ela descreveu Charles, citando uma de suas escritoras favoritas, Fanny Burney, como “nosso próprio irmãozinho particular”.²¹ Seus irmãos foram de imensa importância para ela ao longo de sua vida. A perda de quase todas as suas cartas a eles deixa a maior lacuna em nosso conhecimento sobre ela. Jane escrevia para Cassandra somente quando as duas estavam separadas; ela escrevia para seus irmãos afastados em serviço quase o tempo todo.

Todas as crianças Austen foram cuidadas nos primeiros meses por uma família vizinha, os Littleworth, voltando para casa quando já tinham começado a falar e andar. Uma delas gerava angústia especial na família: George, o segundo filho, nascido em 1766, era mentalmente incapacitado. Era epilético e possivelmente surdo. Em julho de 1770, seu pai escreveu que o garotinho sofria convulsões e não dava nenhum sinal de melhora: “Só Deus sabe até quando isso vai durar, mas, no melhor julgamento que posso formar no presente, não devemos ser otimistas demais nesse Tópico; seja como for, temos este conforto: ele não pode ser uma criança má ou perversa”.²²



O saguão de entrada do casarão de Godmersham, onde Edward Austen viveu ao ser adotado por seu tio rico

Em dezembro daquele ano, George, agora com quatro anos, estava morando com pais de criação. Sua mãe escreveu que continuava tendo convulsões. “Meu pobrezinho George veio me ver hoje. Parece estar muito bem, embora tenha tido um acesso recentemente; quase doze meses já se passavam desde que tivera o último, então [eu] estava com esperança de que os ataques não voltassem mais, mas não devo me felicitar assim agora.”²³ A gravidade de sua condição é aparente numa carta em que seu padrinho Tysoe Saul Hancock, cunhado do sr. Austen, menciona “o caso do meu afilhado, que deve ser sustentado sem a menor esperança de que seja capaz de se cuidar sozinho”.²⁴

Por volta da época em que essa carta foi escrita, a sra. Cassandra Austen informou a parentes que não poderia visitar Kent por causa de sua situação doméstica.²⁵ Ela estava grávida de sete meses e tinha quatro meninos morando todos em casa: James com sete anos de idade, George aos seis anos e com necessidades especiais, Edward tendo acabado de completar

cinco, Henry com dezessete meses e tendo voltado, pouco antes, de seu período de criação no vilarejo. Havia criados para ajudar, mas era necessário administrar tanto a casa como seu pequeno pedaço de terra, que tinha galinhas e uma vaca. O reverendo George Austen estava ocupado com seus deveres paroquiais e negócios. No ano seguinte, ele obteve o benefício eclesiástico de uma segunda paróquia. Nessas circunstâncias, não era de surpreender que uma casa tivesse sido encontrada para o pequeno George, na qual pudesse receber mais atenção e assistência.²⁶

A enfermidade mental não era uma novidade na vida da sra. Austen. Seu irmão mais novo Tom, dito “imbecil”, havia sido deixado aos cuidados de um sacristão da paróquia, Francis Culham, de Monk Sherborne, perto de Basingstoke. George foi enviado para se juntar a ele quando ficou claro que o menino não estava melhorando. Ele viveu com seu tio Tom e os Culham pelo resto da vida, sobrevivendo até passar dos setenta anos. Morreu de hidropisia (acumulação de fluido corporal, causada frequentemente por insuficiência renal) no início do reinado da rainha Vitória, pouco mais de vinte anos após a morte de sua irmã Jane. Em seu atestado de óbito, foi descrito como um “cavalheiro”.

Por ocasião da morte da sra. Austen, em 1827, venderam-se algumas ações que ela possuía, e as receitas foram divididas entre seus filhos sobreviventes. Edward Knight, adotado em riqueza, transferiu sua parte para George, de modo a pagar por seus cuidados. Alguns biógrafos assumiram uma atitude de censura em relação aos Austen pelo tratamento dedicado a George. Vários deduziram que a família sentia vergonha e era despreparada no que dizia respeito à doença mental, exilando George pelo bem dos outros filhos. Outros argumentaram, no sentido contrário, que uma referência nas cartas de Jane Austen sobre “falar com os dedos” sugere que

ela poderia ter aprendido a linguagem de sinais como resultado de conversas com o irmão supostamente surdo e “idiota”. Nunca saberemos se ela o visitou ou não na casa dos Culham.

Existiam muitos manicômios privados na era georgiana, alguns deles com reputações sombrias devido a seu tratamento desumano dos insanos, e Bedlam Hospital, em Londres, era o mais infame. Os doentes mentais eram confinados, na maioria, em asilos de trabalho, albergues de pobres e prisões. Ao alojar George com uma família, os Austen o salvaram desse destino.

A vida de Jane Austen coincidiu com um período de novo esclarecimento em relação à loucura e a incapacidade mental. O rei George III enlouqueceu e foi tratado, de maneira rigorosa e amplamente divulgada, pelo dr. Francis Willis, em seu hospício em Lincolnshire. A busca por uma cura para o rei levou a uma mudança nas atitudes públicas quanto aos enfermos mentais. Ao final do século, o quacre William Tuke fundara The Retreat, um hospício em York que foi pioneiro no tratamento humano dos doentes mentais e serviu de modelo para outras instituições.²⁷

Graças à loucura do rei George, testemunhada em primeira mão pela romancista Fanny Burney, a doença mental deixou de ser um tópico impronunciável de conversa na sociedade educada. Jane Austen brincava com frequência sobre loucura em seus primeiros escritos. Já adulta, gracejou sobre história de loucura na família em relação a sua sobrinha Anna, que desejava se casar contrariando a vontade da família: “Minha querida sra. Harrison, devo dizer, receio que o Jovem tenha um pouco da sua Loucura de Família – e, embora frequentemente pareça existir algo de Loucura em Anna também, creio que ela herda mais dessa condição da família de sua Mãe do que da nossa”.²⁸ Isso não é de todo uma piada: a

família materna de Jane Austen, os Leigh de Stoneleigh, tinha uma espetacular história de loucura, e a atitude de Jane quanto à loucura e à doença mental revela uma falta de constrangimento e sentimentalismo decorrente, talvez, de sua proximidade com pessoas afetadas pela condição. Em acréscimo ao círculo familiar imediato de Austen, com seu tio Tom e o irmão, Eliza de Feuillide, prima de Jane, tinha um filho chamado Hastings que sofria “ataques” e não se desenvolvia como as outras crianças.

A história de George Austen permanece obscura. Quando menina, Jane era especialmente próxima de dois outros irmãos: Frank e Charles. Frank, apelidado de “Fly”, era um menino pequeno, robusto, “sem medo do perigo, que encarava a dor de frente”. Com frequência se metia em problemas. Jane nos dá um adorável vislumbre retrospectivo da infância do irmão num poema que escreveu para celebrar o nascimento do filho dele:

Amado Frank, de sorrir não termino
Por Mary estar bem com um menino ...
Que nele vejamos, meu querido,
Outro Francis William, em tudo parecido!
Que ele herde tua infância ardente,
Ou melhor, teu espírito insolente.²⁹

Calor, insolência, espírito: essas eram qualidades que a própria Jane Austen tinha e que valorizava em Frank. Ao mesmo tempo, tinha um fraco por Charles, o caçula da família, que era de temperamento doce e afetuoso, sem a natureza ardente de Fly. É fácil vê-lo sendo arrastado por Jane para encontrar a carruagem de Cassandra. O afeto que ela sentia pelos irmãos transparece com clareza no modo como seus romances são repletos de piadas internas – um fenômeno comum em famílias numerosas, que tantas vezes têm sua própria linguagem secreta.

Não era só por causa dos irmãos que o presbitério de Steventon, a casa da família, era um lar de meninos. O pai de Jane Austen, George, hospedava escolares para complementar seu estipêndio de reitor, efetivamente dirigindo seu próprio pequeno internato. Ao longo dos anos houve, provavelmente, mais de quinze meninos, que proporcionavam uma rede de contatos entre as famílias locais prósperas. Vários deles permaneceram devotados aos Austen, e entre eles havia alguns pretendentes em potencial para as duas meninas. A mãe de Jane, Cassandra, parece ter sido muito popular com os estudantes. Ela compôs versos cômicos para os garotos. Escreveu um poema engraçado instando um aluno relutante a voltar para a escola e seus estudos, em vez de desperdiçar seu tempo dançando. Outro menino se queixou à sra. Austen que se sentia deixado de fora porque ela não lhe escrevera um poema especial.

O primeiro estudante a ser hospedado em Steventon, em 1773, era um aristocrata de cinco anos de idade, John Charles Wallop, Lord Lymington. Era o “retardado” e excêntrico filho mais velho de Lord Portsmouth, que morava a meros dezesseis quilômetros de distância, em Hurstbourne Park. Um menino chamado William Vanderstegen foi hospedado mais para o final daquele mesmo ano. Em 1779, ano em que a mãe de Jane Austen, Cassandra, deu à luz seu último filho, havia quatro meninos morando em Steventon – Fulwar Craven Fowle, Frank Stuart, Gilbert East e um menino chamado Deane (ou George ou Henry). Depois de 1781, estavam incluídos entre os alunos George Nibbs, um irmão de Fulwar, Tom, e possivelmente seus irmãos William e Charles. Nos últimos anos, John Warren, Charles Fowle, Richard Buller, William Goodenough, Deacon Morrell e Francis Newnham frequentaram a escola. Pelo menos dez dos meninos permaneceram quatro anos ou mais. O reverendo George Austen só parou

de ensinar em 1795, quando Jane havia chegado a seu vigésimo ano de vida.³⁰

Lord Lymington ficou apenas alguns meses em Steventon. A sra. Austen o considerava “bem-humorado e ordeiro”³¹, mas sua mãe o levou embora por causa de sua gagueira grave, que foi piorando enquanto seu comportamento se tornava mais errático com a passagem dos anos. Abundavam histórias de suas excentricidades, incluindo seu hábito de beliscar criados, jogá-los em cercas vivas e aprontar outras brincadeiras de mau gosto. Certa vez, tentou pendurar um menininho no campanário da igreja do vilarejo. O jovem Lord Byron reagiu com forte objeção ao ser beliscado por Lord Portsmouth, atirou uma concha enorme contra sua cabeça em retaliação (quebrando um espelho) e, muitos anos depois, em 1814, exerceu uma vingança cruel tomando parte numa trama tortuosa para casá-lo com uma mulher malévola que o torturava e batia nele com um chicote. Jane Austen comentou esse casamento com a irmã Cassandra: “E eis aqui Lord Portsmouth casado também, com a srta. Hanson!”³² Não se sabe se ela tinha ou não tinha conhecimento de que Lord Byron havia entregado a noiva no altar. Byron registrou em seu diário que “tentou não rir na cara dos suplicantes” e “bateu suas mãos esquerdas, por engano, uma na outra”.³³

Mais tarde, John Wallop ficou conhecido como Conde Vampiro por seu suposto vício de beber o sangue de seus criados. Acabou sendo diagnosticado formalmente como lunático. Apesar de todas as suas tribulações, nunca se esqueceu dos Austen, e os convidava para seu baile anual em Hurstbourne Park. Em 1800, logo após seu primeiro casamento, Jane compareceu ao baile e escreveu um longo e vívido relato para a irmã. Cassandra formara claramente uma impressão favorável do conde ao longo

dos anos. Jane parece surpresa com o interesse dela: “Lord Portsmouth superou os demais em suas recordações atenciosas de você, indagou mais a respeito da duração da sua ausência e concluiu desejando que eu transmitisse ‘lembranças dele a você quando lhe escrevesse de novo’”.³⁴ Nossa imagem habitual do lar da família de Jane Austen não costuma abrir espaço para suas boas memórias do conde lunático.

Os outros meninos abriram um leque de contatos mundanos para a família Austen. William Vanderstegen era filho único, nascido quase vinte anos depois do casamento de seus pais. Seu pai foi um dos primeiros comissários do Tâmis, profundamente envolvido em uma campanha para tornar o rio mais navegável. O pai de George Nibbs possuía uma plantação nas Índias Ocidentais: voltaremos a encontrá-lo num capítulo posterior. Richard Buller, que permaneceu por cinco anos, tornou-se clérigo em Devon antes de morrer com uma idade tristemente precoce. Sua proximidade com os Austen transparece numa carta escrita por Jane a Cassandra em 1800, na qual ela lhe dá a notícia de que o jovem havia se casado pouco antes: “Recebi uma carta muitíssimo carinhosa de Buller; temi que ele chegasse a me oprimir com sua felicidade e seu amor pela Esposa, mas não é o caso; ele a chama simplesmente de Anna, sem quaisquer enfeites angelicais, motivo pelo qual o respeito e lhe desejo alegria – e no decorrer da carta toda, de fato, ele parece mais absorto por seus sentimentos em relação a nossa família do que em relação a ela”.³⁵ No ano seguinte, visitaram-no em seu vicariato em estilo Tudor na pequena cidade de pedra de Colyton, na costa de Devon.

Cassandra deixou uma impressão particularmente forte em outro dos pensionistas de seu pai, Tom Fowle. Os dois noivaram e já tinham planejado seu casamento quando ele morreu de febre amarela nas Índias

Ocidentais. Essa perda foi um fator decisivo no desenvolvimento da vida da própria Jane Austen. George Austen, claramente, não tinha pudor algum em criar suas filhas ao lado de uma variedade de jovens desconhecidos, embora não tenha sobrevivido nenhum registro de qualquer interesse romântico da parte de Jane. As histórias de rolar de rir que Jane escreveu na mocidade, cheias de violência, bebedeira, loucura e suicídio, sugerem que ela desempenhou em Steventon mais um papel de menina levada do que o de uma jovem ingênua em busca do amor. Ela foi mais uma Catherine Morland – jogando beisebol³⁶, rolando pelo gramado em declive nos fundos da casa, preferindo críquete a bonecas – do que uma Isabella Thorpe namorada correndo atrás de jovens desavisados pelas ruas de Bath. Havia de fato um gramado em declive nos fundos do presbitério de Steventon, perfeito para descer rolando.



Vista dos fundos do presbitério de Steventon: a casa de infância de Jane Austen

* * *

Em parte, talvez, devido à necessidade de abrigar um número cada vez maior de pensionistas, George e Cassandra Austen decidiram enviar suas filhas para a escola. Com sete anos de idade, Jane Austen, acompanhando sua irmã de dez anos, foi levada para Oxford pela prima Jane Cooper. Elas

seriam ensinadas por certa sra. Cawley, parente de Cooper. Sete nos parece ser uma idade precoce para uma garotinha estar vivendo longe de sua família, sobretudo quando afastada de um lar tão caloroso, amoroso, cheio de vida e animação. Deve ter sido uma tortura trocar a segurança e a proteção da residência da família pela escola em Oxford, embora o irmão mais velho, James Austen, estivesse estudando lá e tenha mostrado as atrações da cidade para as meninas. O arranjo foi similar ao de Steventon: era o caso de uma família hospedando alunas, não um ambiente escolar formal. Presumivelmente, George Austen fizera o cálculo financeiro de que a renda obtida com o envio de suas filhas para longe e a criação de mais espaço para meninos pensionistas no presbitério excederia o desembolso necessário para mantê-las em Oxford.

De acordo com o folclore da família, Jane insistiu em acompanhar sua irmã rumo a Oxford. A sra. Austen alegou que, se “Cassandra estivesse prestes a ter a cabeça cortada, Jane insistiria em partilhar seu destino”.³⁷ De Hampshire a Oxford são cerca de oitenta quilômetros, que as duas meninas por certo percorreram em diligência.

Em setembro, a sra. Cawley transferiu a “escola” para Southampton e, feito isso, o estabelecimento foi atingido por um surto de tifo. As três garotas adoeceram, mas a sra. Cawley deixou de alertar a família. Foi Jane Cooper quem escreveu para sua mãe e lhe deu a notícia. A sra. Austen e a sra. Cooper vieram imediatamente levar as meninas para casa. Jane Austen estava muito doente, e quase morreu. Todas se recuperaram plenamente, mas a sra. Cooper pegou a febre e morreu em outubro. Só podemos imaginar o choque e a aflição da família. O dr. Cooper ficou inconsolável, e dedicou o resto de seus anos à educação dos filhos Jane e Edward. Para celebrar a memória de sua amada esposa, mandou para Cassandra um “anel

representando um raminho de diamantes, com uma esmeralda”, e Jane ganhou uma faixa para o cabelo que passou a usar em bailes.³⁸

A experiência de Southampton não intimidou o reverendo e a sra. Austen na ideia do internato. Dentro de um ano, Jane e Cassandra, junto com a prima Jane Cooper, agora órfã de mãe, viram-se num estabelecimento mais formal, desta vez em Reading, uma próspera cidade mercantil a pouco mais de trinta quilômetros de Steventon, nas principais rotas de transporte de Londres para Oxford e o oeste do país.

Chama-se Abbey School e era dirigida por Sarah Hackitt, que atendia pelo nome de Madame Latournelle, sem dúvida porque as professoras francesas estavam no auge da moda. A escola era contígua aos restos da vetusta Abadia de Reading: “a maior parte da casa era cingida por um belo jardim antiquado, onde as jovens damas tinham permissão de vaguear sob as árvores altas nas noites quentes de verão”.³⁹ A escola era ligada a uma antiga passagem de portão que dava para uma área verde e uma praça de mercado mais além. No interior da casa, as novas garotas eram recebidas pela diretora em um salão revestido de lambris no qual tapeçarias de chenille, retratando túmulos e salgueiros-chorões, pendiam em volta nas paredes.

Segundo um membro da família, a escola era “livre e tranquila [...] Nos tempos de Cassandra e Jane, as meninas não parecem ter sido controladas de forma muito rigorosa, pois elas e sua prima, Jane Cooper, foram autorizadas a aceitar um convite para jantar numa estalagem com os respectivos irmãos, Edward Austen e Edward Cooper”.⁴⁰ Como notaram os descendentes da família, tudo soa bastante parecido com a escola da sra. Goddard em *Emma*, que “tinha uma espaçosa casa com jardim, dava às crianças uma fartura de comida nutritiva, deixava que elas corressem livres

e soltas no verão, e no inverno tratava suas frieiras com as próprias mãos”.⁴¹ Madame Latournelle sempre se vestia da mesma maneira e tinha uma perna de cortiça. Ela incentivava as artes, a dança e o teatro em particular. Abbey School parece ter sido um lugar feliz, cheio de mocinhas contentes. “Eu poderia morrer de rir disso, como costumavam dizer na escola”, Jane Austen comentou em uma de suas cartas para Cassandra.⁴²

Depois de vinte meses passados em Abbey School, ela voltou para casa em definitivo em dezembro de 1786, a poucos dias de seu décimo primeiro aniversário. Sua educação formal terminara. Mas a casa para onde retornava era um lar do qual seu irmão Edward estava, agora, permanentemente ausente.

Como já foi sugerido, a transferência de crianças de uma casa para outra por meio da adoção formal, como aconteceu com Edward Austen Knight, ou por um arranjo mais informal, como acontece com a fictícia Fanny Price em *Mansfield Park*, não era de modo algum incomum. Se os Knight, como Lord Mansfield e os Chute, tivessem desejado uma menina em vez de um menino, então Jane Austen teria sido separada de sua amada Cassandra.

Jane Austen retrabalhou o tema das crianças adotadas várias vezes em seus romances, e o utiliza para sugerir suas ideias sobre fatores inatos e externos, bons e maus pais, a importância da infância em relação à vida adulta. “Dá-me a criança de até sete anos eu lhe dou o homem”, como diz o velho ditado jesuíta.

Jane Austen era próxima de seu pai, que apoiava sua ambição de se tornar uma escritora publicada. Seus sentimentos em relação à mãe eram bem mais complicados. Há poucos exemplos de paternidade/maternidade eficaz nos romances. Isso é, em parte, um artifício de enredo: a heroína deve fazer suas próprias escolhas, julgamentos e erros antes de atingir a

maturidade e encontrar uma alma gêmea digna de virar seu cônjuge. A exceção a essa regra da heroína imperfeita é a menos apreciada (ou menos bem-entendida) heroína de Jane Austen, Fanny Price. A fictícia Fanny tem quase a mesma idade que o Edward Knight da vida real tinha quando foi levado embora de casa pela primeira vez. *Mansfield Park* é, talvez, o primeiro romance da história a retratar a vida íntima de uma menina.⁴³

Jane Austen penetra intuitivamente nos sentimentos e na consciência da criança conforme ela é arrancada de sua família e transferida para Mansfield Park. O medo e a ansiedade de Fanny, exacerbados pela intimidação malévola da sra. Norris, são elaborados de maneira brilhante. Tendo escutado que precisa ser uma menina boa e agradecida, e ganhando uma torta de groselha como consolo, Fanny se desfaz em lágrimas. É a negligência indiferente o que afeta seu espírito sensível: “Ninguém pretendia ser indelicado, mas ninguém se preocupou de procurar garantir o conforto dela”.⁴⁴

Um dos principais temas do romance é a importância da casa. A palavra é repetida mais de 140 vezes no decorrer da narrativa. O que “casa” significa? É um lugar ou é uma família? O que acontece quando uma casa é deixada desprotegida ou é mal governada? Quando Fanny retorna para sua casa em Portsmouth, ela experimenta uma epifania que abala o âmago de sua alma:

Sua sofreguidão, sua impaciência, seu anseio por estar com eles era tal que trazia uma ou duas linhas do Tirocinium de Cowper o tempo todo diante de si. “Com quão intenso desejo ela quer sua casa” permanecia continuamente na ponta de sua língua como a verdadeira descrição de um ardor que ela não poderia supor ser sentido mais intensamente no peito de nenhum aluno de escola.

Quando Fanny saía para Portsmouth, ela tinha adorado chamar a residência de seus pais como sua casa, tinha gostado de dizer que estava indo para casa; a palavra havia sido muito preciosa